Encontrar meios de possuir o passado de uma forma mais integral e completa do que podemos fazer agora

De repente, pensei em dizer “Cric!”, e ele imediatamente disse “Crac!” e riu de uma maneira comovente e alta - “Cric! - Crac! Está certo!” E, então, ficou muito sério e disse:

“E a continuação da próxima edição!”

Depois disso, ele começou a tossir e a Irmã disse:

“Receio que o cavalheiro esteja um pouco cansado!”

Então, eu me despedi dele; e depois que apertei e beijei sua mão, ele me fez uma reverência cortês, como se eu fosse um completo estranho.

Eu me afastei rapidamente, acenando com os braços e com muita pena e tristeza pelo meu velho amigo, arrependido e desencantado. Fui em direção ao Bois de Boulogne para encontrar lá, em vez dos velhos bosques e arvoredos assombrados impenetráveis, e cheio de coelhos e lobos, um enorme lago artificial, com barcos a remo e lanchas, e um jardim ornamental que havia no próprio jardim de Rosherville. E no caminho para lá, próximo aos portões de ferro das edificações, com quem deveria encontrar senão um dos meus amigos dos correios, no caminho de St. Cloud para as Tulherias! Lá, ele cavalgava com os braços movimentando para cima e para baixo, e seu chapéu baixo de aba acetinada e suas imensas botas de cano e, como sempre, não conseguindo colocar os pés nos estribos, enquanto seu cavalo trotava no ritmo do toque do pequeno relógio em volta do seu pescoço.

Verde e Ouro

Ai! Ele não vestia mais o seu casaco simples do uniforme azul e prata de um rei burguês, mas o detestável uniforme verde e o ouro de outro regimento. Mais adiante, o próprio Mare d'Auteuil sofreu mudanças e se tornou respeitável – imperialmente respeitável. Eu tinha certeza que não havia mais sapos, tritões ou besouros de água; mas peixes dourado e prateado em vulgar profusão napoleônica.

Nenhuma palavra que eu possa procurar daria alguma ideia da tristeza e saudade que tomou conta de mim, quando, novamente, pisei na beira do gramado iluminado pelo sol – o objetivo da minha ambição durante longos dozes anos.

Era domingo, e muitas pessoas estavam ao redor – muitas crianças, com suas melhores roupas de domingo e muito bem-comportadas, jogando discretamente migalhas de alimentos aos peixes. Uma nova geração, muito mais tranquilas e bem vestida do que eu e meus primos, que uma vez enchemos a solidão com o barulho de nossas redes e o ruído entusiasmado de nossas vozes, falando em inglês.

Quando me sentei em um banco ao lado do velho salgueiro (onde o rato morava) e olhei e olhei, quase me surpreendi com a própria intensidade do meu desejo, e por si só, não era suficiente em querer encontrar os velhos rostos e formas familiares, e evocar esses intrusos modernos. O poder em fazer isso parecia estar quase ao meu alcance; eu desejei e desejei e desejei com toda a minha força, mas foi em vão; não consegui enganar minha visão ou audição por um momento. Lá eles permaneceram, inconscientes e imperturbáveis, aqueles pequenos franceses felizes, bem-educados e bem-vestidos, que alimentavam os peixes dourado e prateado; e então, com um coração dolorido, eu os deixei.

Ah, com certeza, com certeza, exclamei para mim mesmo que nós deveríamos encontrar alguns meios de possuir o passado de uma forma mais integral e completa do que podemos fazer agora. A vida não vale a pena para muitos de nós, se um desejo tão ardente e natural não possa ser satisfeito. A memória é apenas uma coisa pobre e rudimentar que é melhor ficarmos sem, se puder nos levar à beira de uma consumação como essa e nos enlouquecer com um desejo que não podemos saciar. O toque de uma mão desaparecida, o som de uma voz quieta, a terna graça de um dia que está morto, devem ser nossos para sempre, por toda parte, por alguma ilusão requintada e bastante concebível dos sentidos.

Infelizmente tenho pouca esperança de encontrar meus entes queridos em outra vida, novamente. Ah, e para encontrar suas formas físicas como foi uma vez, me vem muito vagamente, isto deve ser algum truque do meu próprio cérebro! Vê-los com os olhos, ouvi-los com os ouvidos e pisar com eles os velhos caminhos obstruídos, como num sonho acordado! Vale a pena enlouquecer para se tornar um auto ilusionista como este.

Assim, meditando tristemente, pelo menos cheguei a St. Cloud e, esse, pelo menos, e o Boulogne não haviam sido muito visivelmente alterados, e parecia que eu os havia deixado apenas uma semana atrás. O aspecto doce da ponte, de ambos os lados e além, me encheu com o velho encantamento. Lá, pelo menos, a glória não se foi.

Apressei-me por através dos portões dourados e subi o amplo passeio até a grande cascata. Ali, entre as belas estátuas entrelaçadas e vasos de gerânio, ainda sentados, reclinados ou gesticulados, os velhos deuses inalteráveis; ali agachavam os monstros sombrios e geniais em granito, mármore e bronze, ainda jorrando seus galões sem fim para a delícia dos olhos parisienses. Inalterada e com toda a aparência imutável (exceto que eles não eram tão grandes quanto eu havia imaginado), sua paciência fria, suave e irônica envergonhava e me preparava para uma melhor alegria. Lindos, horríveis, seja o que você julgar, eles pareciam se deleitar no próprio sentido de sua insensibilidade à sua eterna estabilidade – seu duro desprezo de tempo, vento e clima, e o descontentamento irreverente, de joelhos fracos e de vida curta do ser humano. Era saudável dar um tapinha nas costas com carinho mais uma vez – quando alguém podia alcançá-los – e me apego a eles por um tempo, depois de toda a poeira, deriva e ruína pelas quais eu passara o dia inteiro.